

Saúde no “novo normal”: da crise à humanização - Integração e responsabilidade

Health in the “New Normal”: From the crisis to
humanization integration and responsibility

*Waldir Souza**

*Rita de Cassia Falleiro Salgado***

*Luis Fretto****

Resumo:

Uma crise mundial em saúde que impacta a vida humana de diversas formas, causando uma crise geral e global, como é o caso da pandemia de COVID-19, revela alto impacto nas convicções dos seres humanos, provocando mudanças referentes a valores culturais, emocionais, religiosos, sociopolíticos e econômicos. Tal fenômeno desperta no indivíduo a sensação de impotência e também o autoquestionamento. O objetivo deste artigo é destacar as categorias de Humanização, Integração e Responsabilidade, como elementos essenciais para a “saúde saudável” no “novo normal”. A Metodologia estrutural se apresenta como pesquisa teórica, de revisão bibliográfica e atualização temática histórica em portais eletrônicos de mídia contemporânea. Apresenta-se a reflexão acerca da “saúde saudável” em um “novo normal”, a

*Doutor em Teologia. Docente nos Programas de Pós-Graduação em Teologia e Bioética da PUCPR. Membro da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB). Membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Contato: waldir.souza@pucpr.br.

**Pós-doutoranda em Bioética no PPGB da Pontifícia Universidade Católica – PR (Bolsa PNP/D/2019). Doutora em Educação - Políticas Públicas e Gestão da Educação, com enfoque em Ética e Bioética na Formação Profissional. Mestre em Educação pela UTP (2011). Contato: rcf.salgado@gmail.com

***Mestre em Teologia pela PUCPR (Bolsa CAPES). Contato: luisfrettomassoterapia@yahoo.com.br

Revista de Cultura
Teológica

Enviado em
03.09.2020
aprovado em
30.09.2020

Ano XXVIII - Nº 96
Maio - Ago 2020



Programa de Estudos
Pós Graduação em
Teologia - PUC/SP

partir de novos comportamentos e práticas humanizadas em resposta às urgências sociais e éticas recém-afloradas.

Palavras-Chave: Saúde. Humanização. Integração. Responsabilidade. Novo Normal.

Abstract

A global health crisis that impacts human life in different ways, causing a general and global crisis, as COVID-19 pandemic, reveals a high impact on the convictions of human beings, causing changes regarding cultural, emotional, religious, socio-political and economic values. Such phenomenon awakens in the individual the feeling of impotence and also the self-questioning. The purpose of this article is to highlight the categories of Humanization, Integration and Responsibility, as essential elements for “healthy health” in the “new normal”. Structural Methodology presents itself as theoretical research, bibliographic review and historical thematic update in contemporary media electronic portals. The reflection about “healthy health” in a “new normal” is presented, based on new behaviors and humanized practices in response to the newly outcrop social and ethical emergencies.

Keywords: Health. Humanization. Integration. Responsibility. New Normal

Introdução

As crises que se apresentam no mundo contemporâneo impactam o ser humano de forma sistêmica ao mesmo tempo em que impactam sistemicamente todos os seres humanos. Ou seja: uma crise manifesta-se na vida pessoal, social, comunitária, humanitária, originando um impacto generalizado; e é generalizada também a forma como as crises espalham-se geograficamente pelo mundo: indivíduo, comunidade, nação, humanidade. A idéia de que o bater de asas de uma borboleta na China pode impactar os ventos na América nunca fez tanto sentido quanto hoje, em meio a uma pandemia de escala global. Ao observar os momentos críticos para o ser humano e para o planeta como um todo, percebe-se que as crises espalham-se rapidamente e afetam a vida em diversos aspectos: campo financeiro, ambiental, político, sócio-emocional e religioso. E se de alguma forma o ser humano se diferencia com relação a estes aspectos, há uma condição que nos coloca em um mesmo patamar, independente

dos pontos supracitados, trata-se da condição humana mais essencial: a Saúde.

A crise que estamos vivenciando, teve início em dezembro de 2019 quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) identificou a COVID-19: doença causada por um tipo de coronavírus, que em questão de meses alastrou-se por todo o mundo, originando uma pandemia de nível global.

Neste artigo nos propomos considerar a possibilidade de um novo olhar sobre a crise do ser humano na saúde em tempo pandêmico. Um evento capaz de se transformar em estímulo voltado ao despertar do ser humano para o auto-questionamento. Uma ação que amplia formulações para novos ensinamentos e aprendizados em decorrência dos desafios que a atual situação de crise na saúde apresenta. Em benefício deste saber, damos continuidade ao objetivo, que declara como elementos essenciais para o cumprimento efetivo deste estudo, a inclusão das categorias de Humanização, Integração e Responsabilidade de todos.

A composição deste artigo estará determinada pelas seguintes intitulações: “Crise e Comportamento Humano”, um esclarecimento sobre o tema da Crise como realidade humana; “Atitudes: Crise Existencial, Responsabilidade e Saúde”, atitudes do ser humano ante as crises existenciais na Saúde em tempo de pandemia; “Esperança: um novo tempo em Saúde”, atitudes que marcam a esperança de uma nova prática em saúde; “Da Crise à Humanização”, a crise como possibilidade para a humanização do ser humano; “Espiritualidade e Crise”, a prática da interiorização da dimensão da espiritualidade no ser humano através do encontro consigo mesmo; “saúde saudável”: Humanização, Integração e Responsabilidade”, a saúde não só como fator físico, mas como possibilidade de cura a partir do ser humano cuidado integralmente; “Da Crise à Humanização”, uma reflexão sobre as consequências positivas do período vivenciado almejando o crescimento como “ser humano”.

A Metodologia utilizada na estruturação deste artigo se apresenta como pesquisa teórica, de revisão bibliográfica e atualização temática histórica em portais eletrônicos de mídia contemporânea. A análise transcorre pelo processo dedutivo observando a análise de conteúdo do ponto de vista qualitativo.

Pensar num novo tempo em saúde é colocar em prática novos comportamentos em resposta ante as urgências sociais e éticas manifestadas nos últimos tempos em nossa sociedade. O novo começa por renovar o ser humano como sujeito de relações, um sujeito “não pronto”, mas em constante transformação. Assim, é possível vislumbrar um “Novo Normal¹: saudável e humanizado”.

Crise e comportamento humano

O que é a crise? Segundo Boff (2002, p. 23): “A origem filosófica da palavra crise é extremamente rica e encerra o sentido originário de crise. A palavra sânscrita para crise é *kri* ou *kir* e significa ‘desembaraçar’, ‘limpar’, e no português ‘acrisolar’ e ‘crisol’ elemento químico que purifica o ouro”.

Na intenção de observar e entender o que acontece numa situação de crise, o mesmo autor, Leonardo Boff nos interroga e responde da seguinte maneira:

Quais os comportamentos humanos frente à crise? Em que esferas da vida ela se verifica, cresce e se resolve? Qual é o sentido existencial da crise? O existencialismo apresenta a vida como uma crise permanente. Fora da crise a vida seria inautêntica porque sem problemas, inquestionável e objetiva. Parece realmente que a crise constitui um dado essencial da vida e das estruturas humanas. Onde há vida há crise de nascimento, de crescimento, de maturidade, de velhice e a grande crise da morte (2002, p.18).

Regularmente no decurso da crise observam-se três momentos categóricos que convergem entre si. No primeiro momento acontece a interrupção das formas existenciais do viver, que permanecendo no tempo transforma-se num caos. De fato, isto pode atingir diretamente a toda uma sociedade, visto que, estará prestes a sentir o sofrimento de forma coletiva. Porém, do mesmo modo procurarão a solução da crise.

Pela interrupção dos valores existentes anteriormente à crise, o ser humano poderá sentir-se confuso e vivenciar a própria desarmonia da vida. Porém, pode-

1. O novo normal, na verdade, seria a proposta de um novo padrão que possa garantir nossa sobrevivência, segundo Maria Aparecida Rhein Schirato, Doutora e Mestre pela Universidade de São Paulo, pesquisadora em Filosofia, Psicologia e Psicanálise. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/>

ria ser mais breve para a pessoa conseguir voltar a seu equilíbrio existencial, se já existissem nela valores humanos operantes na sustentabilidade do seu viver. Rubio apresenta uma visão sobre o sujeito integral que pode ser relacionado ao comportamento deste ante a crise:

Hoje é um sinal dos tempos à volta ao sujeito ou o resgate da subjetividade. Subjetividade não entendida em termos abstratos, teóricos, individualistas, afastados da realidade ou como sujeito massificados numa classe social ou num grupo determinado, sem nenhuma identidade individual. É urgente propor o tema do sujeito em termos de sujeito integral: o ser humano concreto, relação corporal, que pensa, sente, acredita, age e que, sem perder a sua autonomia e o seu ser único, constitua-se na relação com os outros e com o mundo em que vive (RUBIO, 2007, p. 93).

Assim sendo, e de qualquer modo quando acontece a “ruptura” o ser humano entra numa desordem, que é o segundo momento da crise. O que de fato será causa de sofrimento, mas, que também servirá como impulso para que a pessoa possa optar em sair à procura de novas soluções. Então se inicia o terceiro momento, no qual por meio da busca pelas possíveis respostas em função de superar a crise, o indivíduo poderá determinar em liberdade o melhor caminho, que seja bom para ele e para a sociedade.

Neste estágio o ser humano deve tomar uma decisão e assumir alguma atitude a fim de superar a crise. De acordo com sua escolha, a opção pode ter um comportamento derrotista, pessimista ou alarmista, ou seja, uma pessoa que vê a crise se transformar em tragédia. Se este posicionamento refere-se à dimensão de características individuais, pode ocorrer que especificamente este ser humano prefira fugir da realidade, com medo da própria morte. O psicanalista e filósofo alemão Erich Fromm nos aporta um significado sobre o medo da própria morte ao dizer que isto acontece a partir do sujeito sentir a vida como uma propriedade: “É o medo de perder o que temos. O medo de perder nosso corpo, nosso eu, nossas posses, e nossa identidade; o medo de enfrentar o abismo da identidade, de ‘estar perdido’” (2014, p.130). Esta mesma situação pode acontecer em qualquer outra ocasião dimensional, em que a pessoa veja a crise se transformar em tragédia.

Atitudes: crise existencial, responsabilidade e saúde

É perceptível também outra crise que afeta o ser humano durante o tempo pandêmico e que tem impacto na estrutura econômica, política, emocional, social e espiritual, ou seja, no indivíduo de modo integral. Trata-se da crise existencial que surge por conta de uma reversão de valores e costumes do habitat comum, a qual é mais sentida no modo de ser do indivíduo diante a situação a sua volta do que diante de um contato direto com a doença, no caso, a COVID-19. Segundo Boff, o processo existencial do ser humano nos momentos de crise, “afeta os fundamentos das convicções estabelecidas, das culturas, das religiões, dos valores, das políticas e do cotidiano” (2002, p.9). Isto se percebe na atual pandemia, quando a pessoa considera primordial a questão econômica a ponto de desconsiderar as orientações da OMS para restrição do convívio social, colocando em risco a saúde de colaboradores de seu empreendimento, cujas valias são vistas como um objeto de produção.

É importante aclarar que este proceder frente à crise indica uma diferença entre o “modo de ser” como pessoa que é sempre visto no instante presente, e o “modo de ter” que existe no tempo como passado, presente e futuro. Fromm nos explica que: “no modo ter tendemos a nos apegar ao que acumulamos no passado: dinheiro, terra, fama, posição social, conhecimento, filhos, lembranças. O futuro é a antecipação do que se tornará passado. E o modo do ser não se situa necessariamente fora do tempo, mas o tempo não é a dimensão que governa o ser”, (2007, p. 130-131). Assim sendo, tanto o empreendedor como o colaborador passarão por inúmeros riscos de serem contaminados pela doença existente, em função de não poderem cumprir com as determinações indicadas pelos órgãos que cuidam da saúde em função de questões econômicas. Este é um modo claro de prolongar a crise.

Agora notemos a atitude de um ser visionário, a pessoa que vê pela lente dos sonhos a possível saída da crise a partir de um mundo novo, de uma sociedade renovada. Sonhar é positivo e é comum a todos os seres humanos. Contudo, existe utopia em pensar que alguma sociedade vai ser transformada sem o compromisso e a responsabilidade por parte dos seres humanos. Necessita-se de pessoas

que testemunhem com suas próprias vidas, como acontece com tantos profissionais de saúde, que de forma honrosa enaltecem a sua profissão, assumindo inúmeros riscos e que não abandonam o meritoso cuidado de alguém infectado pela doença pandêmica.

Sobretudo, sem o compromisso e envolvimento responsável de todos não haverá um verdadeiro cuidado em Saúde, pois, somos uma sociedade de pessoas sistemicamente integradas por diversos laços, entre os quais os da vulnerabilidade, da dor e do sofrimento. Mas, também pelo cuidado atencioso considerado a base que sustenta a nossa felicidade, de outra forma, a crise continuará sem que o ser humano tenha aproveitado tal vivência momentânea para amadurecer mais um pouco. Neste aspecto, comungamos do parecer de Torralba (2009, p.118), quando menciona que “O ser humano necessita cuidar de outro ser humano para realizar sua humanidade, para crescer no sentido ético do termo, mas, da mesma forma, necessita do cuidado de outros para alcançar sua plenitude, ou seja, para superar as barreiras e as dificuldades da vida humana”.

Todavia, existem atitudes de seres humanos que perante o processo de crise, como a multipandemia aqui discutida, colocam-se em estado de negação da realidade, partindo em busca de elementos prazerosos que satisfaçam seus desejos de fuga, deixando de enfrentar a crise no intuito de solucioná-la. Em contrapartida, há aqueles que têm atitudes corajosas, ao enfrentar a crise com responsabilidade, criando possibilidades através de soluções que justificam o crescimento próprio e da comunidade. Esta atitude frente às crises inaugura um novo tempo, um novo modo de viver e assim, a partir da crise, emergem as oportunidades do novo em Saúde. Percebe-se que os períodos de crise podem ser momentos de acrisolamento, de purificação, de resgate daquilo que deve ficar como essencial, e isto se pode chamar de “saúde saudável”.

A busca desta vivência de “saúde saudável” emerge da tomada de atitudes, as quais são adotadas diante de um impasse, quando nos deparamos com as variadas opções, e o conflito intra-psíquico, próprio do ser humano, nos faz refletir, ao mesmo tempo em que exige o continuar caminhando rumo à sobrevivência salutar em sociabilidade e conjunção com o universo que nos cerca. Com relação

à atual crise pandêmica mundial, pode-se refletir acerca das palavras de Boff (2002):

Mudamos ou morremos: essa é a alternativa. Onde buscar o princípio articulador de uma outra sociabilidade, de um novo sonho para a frente? Em momento de crise total e estrutural precisamos consultar a fonte originária de tudo: a natureza. Que ela nos ensina? Ela nos ensina, foi o que a ciência já há mais de um século identificou que a lei básica do universo não é a competição que divide e exclui, mas a cooperação que soma e inclui. Todas as energias, todos os elementos, todos os seres vivos, desde as bactérias e vírus até os seres mais complexos, somos inter-retro-relacionados e, por isso, interdependentes. Uma teia de conexões nos envolve por todos os lados, fazendo-nos seres cooperativos e solidários, quer queiramos, quer não, pois essa é a lei do universo. Por causa desta teia chegamos até aqui e poderemos ter futuro (BOFF, 2002, p.15).

A partir desta reflexão, observa-se que as crises podem nos revelar outra face, a do fenômeno significativo de transformação, atuando como possibilidade de mudança nas diversas situações de vida a que o ser humano se dispõe. A esperança de que cada indivíduo se conscientize de que ao cuidar do outro é que se aprende a cuidar de si, é o princípio que pode marcar um novo sentido em saúde. Esta nova visão de saúde implicaria incluir na prática o conceito da integralidade em todas as dimensões humanas, ou seja, uma saúde no estado de vida total, que equivale a uma vida “saudável”. Uma forma ética de humanizar o ser vulnerável, ou melhor, em estado de maior vulnerabilidade, parte do respeito à integralidade e ao direito do “bem viver”, do “bem estar” individual e coletivo. É pelo ensino dos valores humanos, que significam os modos de responsabilidade e compromisso, que o ser humano consciente de si assume seu papel perante o mundo que o rodeia. Fato que é determinante no processo de amadurecimento em todo indivíduo, não só como pessoa, mas também, como sociedade a caminho da humanização.

Esperança: um novo tempo em saúde

Uma das maiores crises mundiais está sendo o surto do conoravírus (COVID-19), reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como pandemia global, deixando até agora milhares de infectados e mortos. Um gran-

de desafio para a ciência médica, pois em razão da sua rápida evolução determinou situações de emergência, questionando os saberes da medicina pela elevada dimensão em propagação e alta taxa de mortalidade nas populações, conforme colocado na contextualização do artigo.

De fato, como comenta o teólogo Boff:

Vivemos hoje uma situação generalizada de crise que atravessa as culturas, as igrejas e as religiões. Muitos a lamentam e veem nela um elemento corrosivo dos fundamentos da esperança humana. Outros a saúdam como a ruptura necessária para a abertura libertadora de um horizonte mais vasto, mais cheio de vida e de vivência de sentido. É próprio do tempo de crise o questionamento dos fundamentos. Própria também do tempo de crise é a sensação de que algo vai morrer, se corromper e se diluir. Não menos típica é a impressão de libertação, de alívio e de arrancada feliz para uma solução mais integradora e de todos os elementos da vida (BOFF, 2002, p.17).

Diante de uma epidemia, hábitos comuns tornam-se riscos à saúde e, portanto, são necessárias adaptações sociais para evitar a proliferação da doença. Ao se tratar de uma pandemia mundial, o impacto no modo de vida das pessoas é ainda maior, alterando seu dia-a-dia de diversas formas: comunicação, locomoção, práticas de ensino e aprendizagem, atividades físicas e de forma geral, tudo o que envolve o contato social com proximidade física. Como consequência disto, também os relacionamentos interpessoais foram atingidos pela orientação de delimitar certas formas de contato, visto que esta determinação da OMS visa reduzir o impacto da proliferação da doença.

As crises, como a atual pandemia, na maioria das vezes surgem inesperadamente, podendo afetar o sistema em ordem mundial. Uma questão que coloca em alerta as autoridades e a toda humanidade, visto que é responsabilidade de todos cuidarem da sobrevivência humana através do serviço integrativo de humanização. A respeito disso, Hans Jonas diz que:

A responsabilidade é o cuidado reconhecido como obrigação em relação a um outro ser, que se torna “preocupação” quando há uma ameaça à sua vulnerabilidade. Mas o medo está presente na questão original, com a qual podemos imaginar que se inicie qualquer responsabilidade ativa: o que pode

acontecer a ele, se eu não assumir a responsabilidade por ele? (JONAS, 2006, p.352).

Pois, desse modo, quando a crise for superada, a existência ganhará um novo sentido, e a alegria voltará a brilhar na face da esperança por uma humanidade mais consciente de seu dever e de sua responsabilidade. Todos passam a respirar um novo ar de liberdade e o mundo passa a viver um tempo de otimismo e tranquilidade, dando a impressão que a sociedade como um todo encontrou o caminho certo para a realização de todos.

Todavia, outro sinal positivo atribuído às crises em geral, e atualmente na saúde, é vista a partir do próprio sujeito, que perante o isolamento obrigatório por conta da situação pandêmica do COVID-19, dedica-se às práticas de interiorização pessoal. Atitudes que são elevadamente efetivas na perspectiva da descoberta de si mesmo como pessoa. Ao fazer do tempo silencioso em recolhimento, a experiência de poder ter um contato mais íntimo consigo mesmo, através da dimensão humana da espiritualidade. Desse modo, priorizar o tempo de sossego que dispõe a pessoa através do cuidado obrigatório no processo em quarentena seria valorizar a vida que se expressa a partir de simples atitudes. A partir desta atitude que renova todo o sentido existencial, o ser humano poderá visualizar com mais clareza o rumo da própria vida. Quanto ao conhecimento de si mesmo, Forte indica que:

A luminosidade do ser resplandece, portanto, nas formas ideais com que ele se apresenta à mente e funda a sua capacidade de conhecimento e de julgamento, tanto intelectual quanto moral. A cognição do ser, portanto, do modo, da ordem do ser de uma coisa, é também a cognição da bondade dela, de sorte que, com uma única noção, a do ser, eu meço e avalio ao mesmo tempo os graus da real existência dessa coisa, e os seus graus de perfeição, para que coincidam essas duas coisas numa só (FORTE, 2006, p. 95).

Na aproximação com a sensação de finitude, próprio ao relato de mortes pela ação pandêmica, o indivíduo sente necessidade em repensar o porquê da sua existência. Uma experiência que possibilita de algum modo buscar respostas sustentáveis para enfrentar com coragem e sabedoria, não só aquilo que atual-

mente ameaça a vida, mas, também prepara o indivíduo para continuar crescendo, ainda que apareçam novas dificuldades. Pois, os valores humanos antes velados por causa de projetos materiais e externos ao valor da própria pessoa perante o desafio pandêmico, passam a ter prioridade ante o medo de perceber que algo misterioso pode limitar a sua existência. Leonardo Boff nos esclarece sobre a desagregação da ordem existencial em tempo de crise, da seguinte maneira:

As estrelas-guias que nos orientam começam a se desagregar. A pessoa percebe que se encontra numa situação na qual não pode mais continuar. Esgotaram-se as possibilidades daquele arranjo existencial. As convicções que davam sentido a seus empreendimentos e criavam um cenário ordenado começaram a se desarticular. Urge romper, cortar laços e rasgar uma perspectiva nova. A crítica faz-se amarga. Num primeiro momento ela é negativa e demolidora. Começa-se por demolir para poder construir novamente. Por outro lado, a pessoa tem que viver e dar sentido as coisas. Faz-se mister uma decisão, capaz de criar certezas fundamentais (BOFF,2002, p. 22).

Muitas verdades vêm à tona, na perspectiva de estar diante de um espelho, onde o medo do desconhecido e a incerteza tomam conta do frágil ser humano inserido no imenso caos momentâneo, e somente o olhar através da esperança o sustentará.

Da crise à Humanização

Em relação à pandemia sanitária, um dos aspectos da crise no atual período, relacionada com a saúde, advém das informações que procedem de fontes não verdadeiras. O que pode gerar indeterminações e dúvidas sobre os modos de agir do ser humano perante o desafio imposto pela doença. Como por exemplo, o anúncio pela mídia de alguns medicamentos considerados possivelmente eficazes sem haver sido comprovado pelo processo de análise de eficácia e segurança clínica, seguido pela regulação e registro conforme a vigilância sanitária. Mesmo diante de fitoterápicos, originários das tradicionais medicinas orientais ou de povos indígenas, alertamos que estas prescrições devem ser realizadas por profissionais devidamente qualificados para tal função. Porém, a busca desesperada por medicamentos na procura de cura sem tempo previsto para sua liberação no período pandêmico, pode levar a pessoa ao óbito.

Quanto ao aspecto da pandemia relacional, o que se apresenta no atual contexto através da obrigatoriedade do recolhimento da pessoa e sua limitação de convivência social com os seus semelhantes. Ou seja, o afastamento físico de algo ou de alguém na procura da diminuição e disseminação do contágio da doença. Em razão disso, e talvez de forma abrupta, o ser humano se sente obrigado a desapegar-se e desvincular-se das funções que lhe eram comuns numa vida programada e delineada, e que subitamente desaparece. Isto, também pode afetar de forma direta ou indireta ao ser humano nas suas respectivas faixas etárias.

Quando pensamos no aspecto “intra-relacional”, que na grande maioria das vezes está despercebido, encontramos a crise relacionada com o sentimento do medo, em não poder superar os desafios advindos de agentes naturais. Pois, além de colocar em risco a vida, também repercutem na autoestima, na autoconfiança e no amor próprio do ser humano. Um problema que é de caráter subjetivo, e que através da comunicação midiática, pode se tornar em uma crise social. Então, a procura pelas possíveis causas e culpados pela calamidade social, política e econômica de nível mundial gerada pela crise na saúde, pode aumentar o racismo e a xenofobia sobre os possíveis responsáveis e as causas de tais acontecimentos.

É evidente que um período pandêmico de conjuntura mundial, causa instabilidade, refletindo não só em toda a comunidade planetária como também na subjetividade dos indivíduos. Sobre esta questão, Boff expressa que: “a crise, por certo, contém muitos riscos, mas também muitas oportunidades, porque ela sempre acrisola, purifica e liberta o núcleo de verdade presente nas práticas humanas em crise. Os cenários não são de tragédia, mas de libertação” (2002, p.10). Perante esta realidade surge a seguinte questão: Como, um período pandêmico, pode ser um elemento eficiente no encontro do ser humano consigo mesmo? Será, que a sensação de finitude advinda pela realidade pandêmica, pode se tornar um estímulo para o ser humano rever na espiritualidade quais os fundamentos que regem o sentido da sua vida?

Espiritualidade e crise pandêmica

Em resposta aos questionamentos sobre o aproveitamento do tempo de recolhimento no período pandêmico, que acontece durante a quarentena no iso-

lamento social, medida determinada como prescrição para cuidado em saúde, existe a possibilidade de voltar o nosso olhar para a dimensão da espiritualidade. Entendemos a crise pandêmica como uma experiência de profunda ansiedade, a qual pode suscitar temor e medo no ser humano, possuidor de características gregárias por natureza. Contudo, pode ser um estímulo que o incentive a gerar novas atitudes de interiorização. Da mesma forma, o teólogo Leonardo Boff, referindo-se ao tempo de crise explana que:

Nos momentos de crise vive-se com especial intensidade o *Kairós* (momento), onde o essencial comparece com mis clarividência. Todo o acidental, derivado, meramente histórico-cultural e periférico, empalidece em sua consistência e validade. Busca-se o cerne do problema, que nos possa alimentar e assim superar a crise. Daí as paixões e as tensões que se verificam no tempo de crise. A dramaticidade, o desafio, o perigo. Mas também a chance de vida nova num outro nível e dentro de um horizonte mais aberto (BOFF, 2002, p. 17-18).

Uma experiência que parte de uma crise pandêmica para uma forma saudável de resgate, em busca de sua própria dignidade como pessoa, necessita passar por um processo de reconstrução, ressignificação de valores. Rever o conhecimento ético dos valores humanos ajuda a reinstaurar a verdadeira identidade, e dessa maneira, torna o indivíduo apto para assumir com liberdade a sua responsabilidade no tempo, na sociedade diante dos outros humanos e de outras vidas.

Na evidência de que a prática da espiritualidade abre as portas interiores do ser humano para o encontro consigo mesmo, percebe-se o valor da crise como eventual provocadora que induz a prática da reflexão. Fato, que nos tempos normais de aparente tranquilidade, o ser humano não consegue o tempo necessário para descobrir seus valores, pois a sua inquietude está tomada por projetos que materializam sua identidade. Denota-se que há momentos positivos quando a vulnerabilidade bate na porta do existir humano, tal como o da pandemia atual, pois, a partir do cuidado, o ser humano é obrigado a fazer sua “parada obrigatória” de vida. Assim, como a função de um oásis no meio do deserto, no qual o viajante deve fazer sua estada necessária, a fim de se reconfortar e restaurar as forças.

E, como foi dito anteriormente, há espaços de silêncio e quietude, que o ser humano experimenta pelo isolamento previsto pelo cuidado em saúde, Fato totalmente previsível em situações de riscos em que há possibilidade de contágio da doença. Esses tempos de quietude e silêncio são excelentes oportunidades para serem aproveitadas pelo ser humano, a fim de adquirir novos conhecimentos que permitam esclarecer os princípios, que regulam e sustentam a estrutura integral da pessoa. E desse modo, efetivar a valorização dos espaços de tempo imposto circunstancialmente pelas condições desafiadoras de um estado pandêmico. Pois, o que mantém viva a esperança em cada ser humano passa por ter apreendido novos conhecimentos, que frequentemente acontecem em momentos em que a vida se apresenta de forma desafiadora.

De fato, são os desafios, que entendidos e superados apesar das turbulências e vulnerabilidade do ser humano, conduzem a novos estágios de sabedoria. Fator importantíssimo, para discernir o que nos é conveniente e necessário e assim, peregrinar em segurança no decorrer da vida orientado pela força misteriosa da confiança. Ou seja, o cuidar da saúde no período pandêmico, possa se tornar um repouso agradável através da reflexão e de ações práticas pelo exercício da espiritualidade. Uma dimensão esquecida no tempo normal por causa principalmente das “superatividades” imposta por uma economia de mercado, porém, necessária na perspectiva de integração total do ser humano. Sobre esta questão relacionada à espiritualidade Rubio comunica que:

Vivemos tempos de intensa busca espiritual. Busca que, conjugada a um imediatismo cultural, característico da pós-modernidade, pode levar à ilusão de que a espiritualidade se reduz a um momento mágico de oração, em que todos os dualismos e mesmo contradições humanas desaparecem, quer pela experiência unitiva do espírito, quer pela sensação de bem-estar trazida pela oração ou por vivências espirituais extraordinárias (RUBIO, 2007, p.184).

Deste modo, se torna importante a mensuração e definição da espiritualidade como construção de fé e sentido no tempo de crise em saúde:

Espiritualidade como aquilo que permite que uma pessoa vivencie um sentido transcendente de vida. A fé, no entanto,

como crença numa força transcendente superior, não identificada necessariamente como Deus nem vinculada necessariamente com a participação nos rituais ou crenças de uma religião organizada específica. O sentido, ou julgar que a própria vida faz sentido, envolve a convicção de que se está realizando um papel e um propósito inalienáveis numa vida que é um dom, uma vida que traz consigo a responsabilidade de realizar o pleno potencial que se tem como ser humano (PESSINI; BERTACHINI, 2011, p. 211).

A pandemia sempre será um desafio para a saúde do ser humano, como também, se torna um grande desafio em busca do conhecimento de si mesmo. Aproveitar os momentos que a nossa vulnerabilidade nos oferece para mergulharmos em nós mesmos através da dimensão da espiritualidade, é saber viver a vida. Pois ela se serve desses parâmetros para que nós desvendemos o que melhor existe em nosso interior e na nossa vida humana. O valor da Sabedoria se manifesta nessa direção, e deseja-la é o caminho à perfeição humana. Buscar nos valores humanos e na ética, a sustentabilidade do ser, é construir um mundo sadio de pessoas responsáveis, que procuram integrar a todos, assumindo a responsabilidade consciente por estes, é o sonho da nova civilização.

A experiência do mundo atual deixa bem claro que a humanidade não está preparada para momentos de turbulência e desolação. É pensar, que a nossa era é representada por grandes conquistas tecnológicas e científicas, mas que não salvam. Porém, ao mesmo tempo, mostra o esquecimento da valorização humana, guerras, conflitos políticos, que destroem famílias inteiras, fome, exclusão, falta de solidariedade e acesso à Saúde.

“Saúde saudável”: humanização, integração, responsabilidade

Um novo tempo em saúde deve ter como primazia a palavra “saudável”. Pois, o conceito de saúde após a experiência pandêmica atual deverá ter o caráter integrador e integrante na perspectiva existencial e total do ser humano. Incluindo no seu contexto dimensional valores espirituais e morais como: Humanização, Integração e a Responsabilidade de todos. Acredita-se desse modo, numa nova prática de espiritualidade, ou seja, uma espiritualidade mais consciente e res-

ponsável, que nasce pelo “ser” em reflexão e preocupa-se com o “outro” em necessidade. Observa-se, que em tempos normais a dimensão da espiritualidade convida o ser humano a pensar sobre o porquê da sua existência. Porém, se torna relevante neste momento de crise e incertezas, perante a gravidade de uma ameaça pandêmica, reconhecer os valores ignorados ou velados, que estão presentes no tesouro interior de cada indivíduo.

Portanto, considerar o desafio de viver a espiritualidade em tempos atuais, de claros sinais de morte, é fator indispensável na construção de uma sociedade organizada que necessita descobrir o senso humanitário. Isto, não é só vital na saúde, mas em todas as classes e organizações do compêndio mundial.

Talvez, o novo tempo de “saúde saudável” não seja mais pensado só na cura física, mas, incluindo uma nova forma de cuidado que a pandemia deixou claro, um maior respeito pelo ser humano representado por atos heróicos de responsabilidade profissional. Como também de grupos humanos, que se organizam para tentar diminuir a fome daqueles que ficaram presos nos seus respectivos guetos da exclusão pandêmica. O ser humano ainda não aprendeu a contemplar tanta beleza, tanta grandeza, no planeta terra como também, no cosmos. Um agente pequeníssimo e natural chamado conoravírus, como grande mestre, aponta para a morte como sinal de relevância da vida. Uma vida que encontra sentido quando é experimentada por ideais que sustentam a vida, porém, não de qualquer forma. Percebe-se que o estado pandêmico nos coloca em atitude de reflexão e respeito sobre a questão do livre arbítrio, perante os desafios e as implicações morais como seres responsáveis diante de uma sociedade que sofre os perigos da sobrevivência, em todos os níveis sociais.

O fato de a multipandemia acontecer na pós-modernidade, dentro de uma sociedade globalizada cujos sistemas biológicos e tecnológicos contam com uma rede mundial de computadores, permitindo compartilhar importantes informações, mostra claramente que estamos incorporados a uma nova ordem mundial, onde é possível deslocar-se e atravessar fronteiras muito facilmente. Onde tudo está conectado, associações, coletividades, grupos comunitários e Instituições das mais diversas. Sem dúvida, é um fruto da globalização, que a partir das no-

vas tecnologias minimiza distâncias e conecta a vida cotidiana a ocorrências e eventos em tempos mínimos. Desse modo, qualquer problema relacionado com a saúde pode se tornar uma questão global, como também, favorecer o encontro de soluções, a fim de diminuir qualquer impacto que possa afetar o ser humano. Com base nisto, percebe-se que a globalização é um assunto que deve ser estudado pela ética, pois, os valores, costumes e tradições estão presentes na vida de todos os seres humanos.

Assim sendo, a integração de todos os seres que habitam neste planeta, de algum modo se tornam responsáveis pelo cuidado da pessoa que passa necessidade. O senso humanitário através da espiritualidade ajuda a restabelecer a unidade do Ser perdida pela insensibilidade ante a perspectiva do amor, visto que, sem essa presença valorativa, nunca haverá um justo e íntegro convívio social. É importante discutir as questões sobre princípios morais e éticos que levam à conscientização sobre a maneira como vivem e se relacionam os integrantes de uma sociedade. Isto porque, entre os humanos que a integram em tempos de globalização pandêmica, pode vir a aflorar o dever do cuidado perante uma sociedade humana planetária, tornando responsabilidade de todos, em favor de um mundo mais humanizado. Se analisarmos com profundidade o conceito de ética anteriormente anunciado iremos perceber que hoje é apresentada como um grande desafio emergencial em saúde.

Diversos valores humanos podem ser pensados quando é analisada a questão ética sobre o tema de saúde global, contudo, neste discurso limitar-se-á àqueles que predominam no desenvolvimento do tema em questão: Humanismo, Integração e Responsabilidade. São valores que participam da ação coletiva e que se justificam por serem elementos iluminadores para uma nova idéia de “saúde saudável”, no campo da saúde global.

Considera-se que, após a experiência pandêmica, a saúde pode ter um novo sentido categórico, que inclui as práticas integrativas e complementares das dimensões humanas, biopsicossocial-espiritual existentes em cada pessoa. A idéia de “saúde saudável” já está no ser humano desde seu nascimento no desejo de cuidar e de ser cuidado, pois isto indica que a pessoa é vocacionada ao amor

como sentido de vida. Emana, transcende do ser humano vulnerável e que se revela com clareza nos momentos em que a vida se torna um desafio a ser vivida com dignidade. Ou seja, o desejo da busca de uma “saúde saudável”, que nasce como natureza humana é revelado quando o viver é desafiado pelo limite natural da vulnerabilidade.

Esta nova idéia de saúde que pode ser entendida como “saúdável”, favoreceria a cura. Pois, um indivíduo que toma consciência de que a existência da “saúde saudável” está presente nele, pela fé e a partir da espiritualidade, poderia fazer a experiência de sair de si, provocando um despertar de si em potência. E assim, o mesmo poderia perceber que os estados limites, conscientizado no valor da “saúde saudável”, passa a ser uma oportunidade de crescimento e realização de cada indivíduo, tocado pelo desafio da sua vulnerabilidade.

Desse modo, há realmente esperança, como diz Boff quando se refere à cooperação integral como princípio cósmico:

Uma teia de conexões nos envolve por todos os lados, fazendo-nos seres cooperativos e solidários, quer queiramos, quer não, pois essa é a lei do universo. Por causa desta teia chegamos até aqui e poderemos ter futuro. Aqui se encontra a saída para um novo sonho civilizatório e para um futuro para as nossas sociedades: fazemos conscientemente da cooperação um projeto pessoal e coletivo, sermos seres de solidariedade e sinergia (BOFF, 2002, p.15).

Desse modo, a “saúde saudável” é um estado do ser humano tão real como a doença pela vulnerabilidade humana. A pergunta que pode surgir desta reflexão é a seguinte: existe algum ser humano com plena saúde, visto a partir de todas as dimensões humanas? O que é saúde do corpo, e o que é saúde do corpo integrado? A partir disto, a “saúde saudável” não seria uma meta a ser alcançada pelo super-homem, mas, como parte da vida do ser humano possibilitaria o crescimento do mesmo em todas as dimensões, é a isso que chamaríamos de vida saudável, que com certeza diminuiria as doenças. Pois, se consideramos atualmente um ser humano que está convicto da “saúde perfeita”, o indivíduo poderia ficar retraído, pela falta de desafio. Por exemplo, numa pandemia foram reveladas muitas formas de ficar doente, pelo isolamento, quarentena ou medos. Porém,

como foi exposto nesta reflexão, o ser humano pode ter a partir do seu livre arbítrio, novas atitudes que vão amadurecer seu estado de ser humano, olhando para novos horizontes de viver, como o fazer experiências através da dimensão humana da espiritualidade.

Esta meta a que nos referimos não deixa de ser o “significado e o propósito de uma existência humana na Terra”, segundo Goswami (2018), que nos traz Platão quando se refere aos valores arquetípicos do “amor, beleza, justiça, verdade, bondade e abundância” e que estes, quando incorporados enriquecem o conteúdo de nossa alma. Para o físico indiano, esta visão simplista é “a meta da nossa evolução”, e complementa ao dizer:

Podemos buscar tal objetivo em nossa vida aplicando a nossos pensamentos e ações este critério bem simples: O ato que estou prestes a realizar, a experiência que estou prestes a escolher, vai me aproximar da plenitude ou me afastar dela? Quando fazemos este teste simples, alinhamo-nos com o movimento da Consciência. (GOSWAMI, 2018, p.183).

A “saúde saudável” pode ser entendida como um processo de vida vivida que sempre está presente na pessoa, mas que se identifica quando necessária no espaço da doença. Pode-se pensar que a saúde é revelada pela doença que é pensada como integral e integrada, mas que a pessoa pode estar preparada antes, pois como foi dito, a saúde acompanha o ser humano durante toda sua vida. Este pensar sobre a saúde exige um novo pensar sobre a estrutura do ser humano. Ele já não é um objeto que fica doente, mas o Ser em saúde, não existe uma cura para sempre, existe sim, o poder da Saúde que faz o ser humano curado, procurar uma nova forma de viver a sua existência que é limitada pela própria natureza a qual sempre vai pertencer. Ou seja, estar com saúde não seria somente não ter doença física, mas a consideração de que em todo ser humano há uma força que palpita vida. Por isso, podemos pensar que o cuidado em saúde da pessoa humana é um ato sagrado.

Em relação a este ato sagrado, comungamos da concepção de Roselló (2009) ao manifestar que a atitude de “cuidar dos outros é uma tarefa fundamental da condição humana”, que mediante este ato, consegue assumir “plenamente sua

humanidade e, além disso, assemelha-se enormemente a seu criador, o que significa que a ação de cuidar enobrece o ser humano, o eleva à categoria dos deuses, pois mediante ela imita seu criador”, sendo considerado pelo autor o aspecto mais revelador (2009, p. 118).

Considerações finais

Há perguntas que ficam no ar a partir da atual experiência pandêmica. Hoje, e no futuro, em quem devemos confiar a nossa segurança? Quais as políticas que vão proteger o ser humano? Quais os valores humanos que podem nortear a sustentabilidade da nossa existência?

Ao refletir acerca destas e de tantas outras questões que ainda vão surgir, é intrinsecamente necessário conectar-se à idéia de que após o período de crise pandêmica, como o que está acontecendo atualmente na saúde, poderá se iniciar um processo que factualmente será lento na procura de restauração de uma humanidade que hoje, apesar do progresso técnico-científico, se encontra bem distante de uma sonhada humanização.

Consideramos o processo de estruturação e mudança em busca de “saúde saudável”, razoavelmente lento, visto que, se prestarmos atenção ao longo do artigo, os autores que fundamentaram nossa discussão datam do ano de 2002 a 2020. O que nos alerta que há alguns anos esta temática Humanização, Integração e Responsabilidade vem sendo explanada por uma diversidade de pesquisadores e acadêmicos que insistem neste caminho de integração sistêmica na saúde, onde nenhuma teoria ou modelo se sobrepõe ao outro, mas sim, que todos são compatíveis e convergentes ao processo de crescimento, maturação e efetividade do “Ser em Si” e o “Ser no Mundo”.

Portanto, o mundo atual deve perceber que em todo processo que busca a superação de uma crise, como na atual pandemia, é preciso ter um olhar mais profundo sobre o ser humano. Pois, a procura da cura total não é só física, mas estão referenciadas integralmente todas as dimensões humanas, biopsicossocial-espiritual. A visão de uma realidade de “saúde saudável” proposta neste artigo visa que toda transformação vinda de um tempo de crise só será possível a partir da consideração do aspecto integral de todos os valores que radicam no ser humano.

A esperança, que move a construção da nova visão da realidade, se sustenta na convicção de que após a vivência de uma crise as oportunidades afluem vindo a sistematizar as relações de integração e evolução do ser humano em prol da verdadeira humanização.

O nosso viver na vulnerabilidade humana envolve estarmos suscetíveis a momentos de crise e, portanto, cabe a nós, seres humanos, enquanto seres integrados, colaborar para o crescimento de uma sociedade planetária, ao assumirmos com responsabilidade o cuidado do Outro. É importante perceber que há luzes no horizonte de um “novo normal” em saúde: a “saúde saudável”, pensada através da relação integrada e humanizada de todas as dimensões que constituem a estrutura do ser humano.

Referências

- BOFF, L. **Crise: oportunidade de crescimento**. Campinas: Ed. Verus, 2002.
- FORTE, B. **Um pelo outro: por uma ética da transcendência**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- FROMM, E. **Ter ou ser**. Ed. 4°. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- GOSWAMI, A. **Consciência Quântica: uma nova visão sobre o amor, a morte e o sentido da vida**. Amit Goswami; traduzido por Marcello Borges. São Paulo: Aleph, 2018.
- JONAS, H. **O Princípio Responsabilidade; Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2006.
- OMS - Organização Mundial da Saúde – Escritório Regional das Américas. **Cartilha Indicadores de Saúde – Elementos conceituais e Práticos**. 2019, Pagina 04. Disponível em: https://www.paho.org/hq/index.php?option=com_docman&view=download&category_slug=health-analysis-metrics-evidence-9907&alias=45251-indicadores-saude-elementos-conceituais-e-praticos-251&Itemid=270&lang=pt Acessado em: 25 Jun 2020.
- PESSINI, L; BERTACHINI, L. **Humanização e cuidados paliativos**. 5° Ed. São Paulo: São Camilo: Loyola. 2004.

RUBIO, A, G, (Org.). **O humano integrado. Abordagens de Antropologia Teológica.** Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHIRATO, Maria Aparecida Rhein, **Novo normal: entenda melhor esse conceito e seu impacto em nossas vidas.** 07/05/2020. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/> Acessado em 29 Jun 2020.

TORRALBA, R. **Antropologia do cuidar.** Petrópolis: Vozes, 2009.